

"ESPANHA — HOJE"



Prof.ª Pilar Sacristán Martín, do Departamento de Espanhol da USP.

VII CONGRESSO BRASILEIRO DE IMIGRAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Realizado em São Paulo, na Faculdade São Judas Tadeu, em setembro de 1989, promovido pelo Jornal do Imigrante.

O espanhol e o português: problemas lingüísticos dos dois idiomas em contacto

Antes de mais nada, ao tratar deste tema convém levantar a questão da finalidade das línguas, da sua natureza em razão dessa finalidade e depois da forma como é utilizada.

Vou falar do assunto de maneira simples e evitar a terminologia específica ou teorias lingüísticas, pois elas não são adequadas para um encontro como este.

Também advirto que abordarei a questão em termos gerais, referindo-me aos fenômenos de forma abrangente e genérica, como eles se apresentam na grande massa. Os casos especiais, os indivíduos que não seguem a norma, ou os aspectos particulares de um fenômeno não serão considerados, igualmente em razão do tipo e do tempo desta exposição.

Pode-se começar com a pergunta: "Para que serve uma língua?"

Uma língua é um código criado pelo homem para enviar informação de maneira detalhada a outro homem. Sem dúvida, a língua é o código de comunicação mais abrangente, complexo, e menos ambíguo de todos os que o homem criou.

Para expressar a meu interlocutor uma mensagem, portanto, eu utilizo a língua. A qualidade da minha mensagem varia de acordo com muitos fatores, desde fatores físicos e articulatorios (por exemplo, a acústica do local e a dicção do falante, ou a letra do emissor, se for o caso de língua escrita, até fatores sociais, psicológicos e intelectuais).

Vejamos alguns exemplos: 1) se eu conhecer mal o sistema lingüístico do idioma em questão, empregarei palavras inadequadas, de baixo valor semântico e desvios gramaticais resultantes de meu desconhecimento da norma gramatical estabelecida; e 2) se eu estiver expressando idéias que não tenho claras ou domino deficientemente, minha expressão lingüística tenderá a ser pouco objetiva, ambígua e até mesmo, em certos casos, ininteligível para o receptor.

Muito bem, então podemos dizer que a finalidade das línguas é comunicar uma mensagem, mas que esta mensagem vai depender do desempenho do falante, da qualidade do seu trabalho lingüístico, digamos assim.

Agora sim, falemos do tema: o espanhol e o português: problemas lingüísticos dos dois idiomas em contacto. A meu ver, muitos dos problemas que um espanhol enfrenta para falar o português do Brasil têm correlação com aqueles que um brasileiro se defronta ao aprender ou ao utilizar o castelhano.

É preciso levar em conta neste momento que estamos falando de dois idiomas bastante próximos no que se refere a compreensão recíproca; de dois idiomas latinos e procedentes ambos da Península Ibérica, de uma tradição histórica similar.

Uma grande parte do seu léxico tem origem comum e sua morfologia e sintaxe são parecidas. Este fato ocasiona um nível de inteligibilidade muito grande. Com isto não quero dizer que o português e o espanhol sejam a mesma língua, nem que aquele que sabe uma, saiba a outra. Quero dizer que, em geral, um hispanofalante poderá se comunicar com um lusofalante sem ter obrigatoriamente um conhecimento prévio da língua do interlocutor e dar-se-á uma compreensão da mensagem muito superior à que ocorreria entre um falante de inglês, russo ou alemão. Isto é óbvio.

Agora, este fato nos leva com muita frequência a subestimar as diferenças entre os dois idiomas de que tratamos e a pensar que uma boa margem de compreensão básica significa dominar os idiomas em pauta.

É por isso que ainda há pessoas que perguntam: "Para que aprender espanhol?" ou "Para que aprender Português?"

Final de contas, eu posso dizer qualquer coisa que eles me entendem. Todos conhecemos a piada de quem pediu "Cueca Cuela" em lugar de "Coca Cola", e muitas outras.

Sem dúvida, além do código lingüístico, ao falarmos usamos a mímica, a entoação e o contexto que auxiliam num momento comunicativo simples. Mas isto não é falar uma língua, é outra coisa. Faz-nos lembrar os "pidgins": sistemas lingüísticos reduzidos a algumas regras de combinação e a um vocabulário mínimo, criados para possibilitar a compreensão de comunidade de línguas diferentes, que não têm outro meio de se compreenderem, principalmente nas transações comerciais. Falar uma língua não é falar um "pidgin".

É claro que estou pondo cores muito fortes neste meu quadro, mas a intenção é a de realçar a diferença entre falar uma língua e usá-la deficientemente, de forma limitada e equivocada. Ela cumprirá sua função básica, mas mesmo assim de forma menos satisfatória, já que a comunicação é rica em mensagens de todo tipo.

O que ocorre com uma boa parte dos espanhóis, especialmente os que vieram ao Brasil durante o processo imigratório, foi a paulatina adaptação ao português na base da imitação do idioma com o qual conviviam. Isto, sem dúvida, produziu os efeitos primeiros da língua, ou seja, a comunicação, a princípio deficiente e primária, e depois mais adequada a essa necessidade básica.

No entanto, o que vemos é que neste estado de coisas se produz a comunicação mas não a utilização do idioma português adequadamente.

Também não estou pressupondo perfeição. Todos aqueles que dominam mais de uma língua cometem interferências. A interferência é fatal no indivíduo bilingüe. Não existe um falante ideal que utilize todas as línguas que conhece com igual domínio. Mesmo em graus de bilingüismo alto, como em caso de escritores, e de línguas afastadas entre si, pesquisas mostram níveis de interferências, mais sutis, evidentemente, mas existentes.

As interferências não necessariamente são erros gramaticais. Encontramos desde erros crassos, adaptações, omissões, até detalhes culturais que fazem parte de uma e não de outra língua.

Bem, convencidos de que não somos perfeitos, mas de que podemos manipular as línguas com um grau de adequação razoável, vejamos alguns procedimentos lingüísticos que os espanhóis utilizam para desempenhar-se em português:

1. Como o espanhol não possui vogais nasais e ele não sabe articulá-las, dirá *pon* no lugar de *ão*.
2. A inexistência de vogais abertas fará que o espanhol utilize em todos os casos as vogais fechadas e dirá *café* em lugar de *café* e *pó* em lugar de *pó*. As vezes não surgem problemas de entendimento, mas cria-se um ao ter de distinguir *avô* de *avó*, por exemplo.
3. A nível morfológico, entre outros aspectos, usará o *viagem* por *a viagem*, porque em espanhol essa palavra é masculina.
4. Sintaticamente, fará frases que podem até mesmo ser corretas em português mas que não fazem parte da norma usada quotidianamente, por exemplo, "A mim não me preocupa a política" em lugar de "Eu não me preocupo com a política".
5. E ainda ocorrerão desentendimentos, principalmente quanto ao vocabulário. Alguns serão embaraçosos. Por exemplo, convidado a jantar numa casa brasileira, irá elogiar a comida da dona da casa, e dizer que sua comida estava excelente quando queria dizer que sua comida estava deliciosa.

Repetindo o que dizia anteriormente, a comunicação entre falantes de português e espanhol se estabelece com certa facilidade, sem que seja absolutamente necessário um mínimo de

estudo do idioma como o inglês e o português, o francês e o inglês, o russo e o alemão, como já dissemos.

No entanto, nota-se muitas vezes que a comunicação que se estabelece não é de qualidade. Qualidade aqui significa transmitir e receber — com bom grau de acuidade e obediência às normas da língua — idéias, emoções, sentimentos, enfim, pensamentos mais elaborados.

Há algum tempo me interessava conhecer melhor o desempenho lingüístico dos imigrantes espanhóis que se estabeleceram em São Paulo e saber algo mais sobre esse fenômeno de comunicar-se, integrar-se à sociedade e falar os dois idiomas. O interesse, creio, começou ao ver meu pai que lutava há anos por se expressar em ambos os idiomas e eu, surpresa, notava que ele havia perdido boa parte do castelhano e o seu português deixava a desejar.

Partindo da premissa de que o tempo de permanência no país teria relação direta com o desempenho dos espanhóis em português e com a perda do castelhano comecei minha tese. Estudei o desempenho lingüístico escrito de espanhóis que vieram ao Brasil na década de 60 e na década de 70, fiz com que escrevessem textos em ambos os idiomas. Depois realizei uma análise quantitativa e qualitativa do corpus, isto é, analisei os dados obtidos estatística e lingüisticamente.

Os resultados que obtive sugerem o seguinte. Digo sugerem porque uma pesquisa é sempre uma tentativa de aproximação da realidade objetiva e não uma verdade incontestável. A minha pesquisa procurou ser o mais científica possível, mas tem as limitações de praxe.

Voltando ao tema, os resultados sugerem que:

1. Ao contrário do que se possa pensar, o tempo de permanência em um país falando essa língua não é garantia de qualidade no seu desempenho. Em outras palavras, morar num país muito tempo não significa que a pessoa vai aprender a falar bem esse idioma.
 2. Um bom conhecimento do idioma materno facilita ao indivíduo utilizar bem o idioma que está aprendendo. Ou seja, se eu conheço bem o meu idioma, tenho boas noções gramaticais dele e procuro utilizá-lo adequadamente, transferirei meus conhecimentos e minha preocupação de usá-lo apropriadamente para o outro idioma e meu desempenho nesse outro idioma será bastante favorecido.
 3. O estudo sistemático do idioma ao qual a pessoa vai se expor é uma garantia de melhor desempenho. Ou seja, é preciso estudar sistematicamente, frequentar uma escola de línguas, um professor particular, ou estudar de forma autodidata a gramática desse idioma. É fundamental para quem quer dominar um idioma, mesmo um idioma como o espanhol, o português ou o italiano, tão próximos-lingüisticamente.
 4. A manutenção de um idioma que se utiliza pouco requer esforço: leituras, conversações com outras pessoas que o utilizem, enfim, atualização.
- Sem dúvida da minha pesquisa, não se infere apenas o óbvio que aqui narrei, pois ela tinha como objetivo analisar as interferências e os procedimentos lingüísticos desviados para levantar dados com vistas à elaboração de material didático adequado para o ensino do espanhol a brasileiros e vice-versa.

No entanto, o óbvio é o que vemos com maior dificuldade na nossa sociedade imediatista. Entender um espanhol, ler um livro em castelhano não é uma tarefa impossível, muito pelo contrário. Mas é uma tarefa que se realizará sem qualidade. Fazer-me entender por um espanhol e entendê-lo não é trabalho de Hércules, é uma acrobacia desajeitada, menos satisfatória que a comunicação descontraída de quem está dentro do contexto. Falar todos falamos, até os índios com suas línguas ágrafas; escrever, quase todos escrevemos, mesmo que seja pouco inteligível para quem nos lê.

Mas a qualidade do que falamos e escrevemos também importa... É muito. Não só porque recebemos a recompensa do êxito profissional, pessoal, emocional, mas porque recebemos a grande recompensa de nós próprios que é a segurança de que estamos sendo melhores.

Isto serve para os espanhóis que falam português e serve também para os brasileiros que pensam ou pensarão no futuro em falar o castelhano. A comunicação precária é rápida e pobre, a comunicação elaborada é mais lenta e rica, exige maior esforço mas garante a QUALIDADE, aspecto de nossa pessoa que por vezes esquecemos, mas que na verdade é o leitmotiv de nossas vidas.

PILAR SACRISTÁN MARTÍN



CIBRANOX
Aços e Metals Ltda.

AÇO INOXIDÁVEL

- BOBINAS • CHAPAS
- CANTONEIRAS
- PERFIS • ARAMES
- TUBOS C/ OU S/ COSTURA
- CORTES: • PLASMA • SERRA
- GUILHOTINA

MATRIZ SP: Rua Visconde de Parnaíba, 748/784

Tel.: 278-3622-Telex (011) 31830 - Fax 278-7540

FILIAL RJ: Av. Brasil, 5734-A

Tel.: 270-7212-Telex (021) 21040